

**FERRAMENTA DO NOVO EDUCADOR:
O ESTUDO DA ESCRAVIDÃO AFRICANA POR MEIO DE *BLOGS***

Rodrigo Wantuir Alves de Araújo
Departamento de História - UFRN
rodrigowantuir@yahoo.com.br

Waldinea Cacilda da Silva
Departamento de História - UFRN
waldinea@hotmail.com

A sociedade atual passa por profundas mudanças caracterizadas por uma intensa valorização da informação. Os processos de aquisição do conhecimento assumem um papel de destaque e passam a exigir um profissional crítico, criativo, com capacidade de pensar, de aprender a aprender e de trabalhar em grupo. Cabe a educação formar esse profissional e, para isso, não se sustenta apenas na instrução que o professor passa ao aluno. É necessário desenvolver nos alunos competências como capacidade de inovar, criar o novo a partir do conhecido, adaptabilidade ao novo, criatividade, autonomia e comunicação. Nessa conjectura é função da escola preparar os alunos para pensar, resolver problemas e responder rapidamente às mudanças contínuas do cotidiano.

O reconhecimento de uma sociedade cada vez mais tecnológica deve ser acompanhado da conscientização da necessidade de incluir no currículo escolar as habilidades e competências para lidar com as novas tecnologias, o componente tecnológico não pode ser ignorado. O uso de computador na escola é fundamental para os membros da sociedade do século XXI, que devem estar familiarizados com essa máquina. Com o advento da internet, o fácil o acesso a informação, está surgindo um novo paradigma na educação e no papel do professor. Com o uso da internet pode-se desenvolver um conjunto de atividades com interesse didático-pedagógico como: intercâmbio de dados científicos e culturais de diversas naturezas, permitindo desenvolver ambientes virtuais de aprendizagens na atividade dos alunos, importantes para interação pessoal e no desenvolvimento de um espírito de colaboração e de autonomia dos alunos. Possibilitar aos alunos a oportunidade de acesso e compreensão das múltiplas linguagens na internet é importante, por que:

“Vivemos no século da inclusão e são inúmeras as possibilidades de comunicação e informação por meio de equipamentos que alteram nossa forma de viver, de relacionar-se com o mundo e aprender na atualidade. Portanto, podemos dizer que a tela da televisão, do cinema, do computador e a *internet* são as janelas para o mundo e aquele indivíduo que não for incluído no mundo das novas tecnologias viverá à parte, provavelmente, fora do novo mundo. Ousamos dizer que viverá num novo *apartheid*, dessa vez, separando os que acompanham a ciência e a tecnologia dos que as desconhecem. “ (ARANTES FILHA, 2008, p. 06)

Este é um aspecto que merece um debate e aprofundamento, pois, quantas informações, quanto conhecimento pode ser adquirido e explorado com o uso das novas tecnologias? A Internet originou-se nos Estados Unidos, surgiu para atender à política de guerra norte-americana. Nos anos 60, no momento significativo na Guerra Fria, com a chegada dos mísseis nucleares, com o bloqueio a Cuba e com a Guerra do Vietnã, surge o interesse em desenvolver uma forma pela qual os computadores se comunicassem uns com os outros. Em 1969, com o nome de “Arpanet”, ela foi criada pelo Departamento de Defesa para auxiliar nas investigações militares. A partir de 1981, seu uso começa a ser acadêmico e surgem as redes Bitnet, ligando as comunidades acadêmicas à CSNET, conectando as pesquisas. Em 1992, nos Estados Unidos, surgem as primeiras empresas provedoras de acesso comercial à Internet. O maior desenvolvimento, porém, ocorreu a partir de 1993, quando se disseminou nas residências em todo mundo.

O desenvolvimento da internet deve-se basicamente à evolução dos recursos tecnológicos (telefone, satélites, fibras óticas), o aprimoramento de *softwares* e *hardwares* propiciou a evolução dessas máquinas e a diminuição dos custos dos computadores, possibilitando serem adquiridos por uma parcela significativa da população, especialmente nos países industrializados.

No Brasil, nos últimos anos é possível observar um crescimento no acesso à internet. Dados do IBGE de 2003 atestam um crescimento de brasileiros com computadores nos domicílios brasileiros (aumento de 62,9% entre 2001 e 2003). Em 2005 a PNDA (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) focou o acesso a Internet registrando uma população de 32,1 milhões de brasileiros de 10 anos ou mais que a usou nos três meses anteriores a pesquisa. Esses números aumentam muito mais com as

lan-houses, *cyber cafés*, que democratizaram ainda mais o acesso a internet facilitando a inclusão digital aos alunos.

Os números das pesquisas comprovam a abrangência que a internet tem alcançado, e os docentes devem aproveitar dessa ferramenta para utilizá-la no contexto educacional. Apesar de muita discussão sobre o tema há um consenso em torno dos benefícios trazidos com o advento dessa tecnologia. Ao destacar qual seria o papel do professor no processo de ensino com a utilização da internet como ferramenta de pesquisa, Cyntia França, no seu artigo “Como conciliar o ensino de história e novas tecnologias” destaca:

“O papel do professor consiste em mediar a pesquisa e a apresentação dos resultados, que podem ocorrer até em grupos. Entretanto, aparece o problema dos embasamentos teóricos e metodológicos do professor, uma vez que só orienta aquele que domina os conteúdos e a prática pedagógica, caso contrário, vira uma panacéia na cabeça do docente, que ao invés de facilitar, complica mais a sua vida, porque aquele que não é flexível, inovador, disposto a ouvir e trocar informações com seus alunos, bem com interagir, está simplesmente obsoleto na sociedade do conhecimento”. (FRANÇA, 2008, p.10)

É evidente a preocupação sobre como vão ser aplicados os recursos da internet ao processo de ensino. Muitas vezes, os profissionais da educação não possuem subsídios para acompanhar o avanço dessas tecnologias e sua utilização para o ensino se torna mais uma dificuldade do que um benefício. O professor precisa saber orientar os alunos sobre onde colher informações, como tratá-la e como utilizá-la, pois essa formação é uma característica da educação nesta sociedade do conhecimento. É necessário que o professor busque esses mecanismos e inclua em sua prática diária, aproveitando a grandiosa disponibilidade de conteúdos que a rede oferece.

Uma discussão relevante é como esse profissional tem acesso a internet. Certamente cabe a ele buscar formação adequada nessa área, compreender a forma de como utilizar-la a favor da educação, pois:

“No processo ensino-aprendizagem as transformações foram lentas, mas, mesmo assim, é possível observar seu avanço. No passado podíamos contar com o quadro-negro, o giz e, raramente, os livros didáticos sendo esses instrumentos as únicas novidades utilizadas em sala de aula. Hoje se ouve falar muito no uso da *internet* como o

instrumento milagroso que coloca qualquer estudante, em alguns minutos, em contato com qualquer tipo de informação.” (ARANTES FILHA, 2008; p. 07).

Precisa-se levantar discussões sobre o uso da internet como ferramenta pedagógica. O professor deve ser criterioso, a internet é uma mídia vital para a pesquisa. Contudo, o acesso às informações pode se tornar-se perigosa. É preciso filtrar as informações, problematizar o conteúdo e criticar as fontes, são exercícios cruciais na aprendizagem utilizando a internet. Há ainda problemas de plágio e cópias de trabalhos inteiros, os alunos carecem de orientações, para que a internet funcione como ferramenta de apoio a educação e não produtora de trabalhos escolares.

O ambiente de aprendizagem *on line* é constituído por três componentes: o aprendiz, as atividades e o agente de aprendizagem. O foco da aprendizagem é a busca da informação significativa, a pesquisa, o desenvolvimento de projetos e não predominantemente a transmissão de conteúdos específicos. Com a utilização da Internet na educação pode-se obter informações, fontes, em centros de pesquisa, universidades, bibliotecas, permitindo trabalhos em parceria com diferentes escolas, em diferentes tempos e espaços. A forma de produzir e armazenar a informação esta mudando e o enorme volume de informações é aberto aos alunos pela internet em substituição às publicações impressas.

Utilizando ferramentas virtuais como *blogs* os professores de História tem subsídios necessários para desenvolver o conhecimento dos alunos, despertando o interesse para a disciplina. Os alunos gostam de se comunicar pela Internet. Os *blogs* são recursos muito interativos, com possibilidade de fácil atualização e de participação de terceiros. São páginas na internet, fáceis de desenvolver, e que permitem a participação de outras pessoas. Começaram no “modo texto”, depois evoluíram para a apresentação de fotos, desenhos e outras imagens e, atualmente, estão na fase do vídeo. Os professores devem focar mais na aprendizagem dos alunos do que na transmissão de conteúdo.

“É preciso apenas que os professores se apropriem dessa linguagem e explorem com seus alunos as várias possibilidades deste novo ambiente de aprendizagem. O professor não pode ficar fora desse contexto, deste mundo virtual que seus alunos dominam. Mas cabe a

ele direcionar suas aulas, aproveitando o que a Internet pode oferecer de melhor.” (MORAN, 2009).

Para Suzana Gutierrez, pesquisadora do Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisas em Trabalho, Movimentos Sociais e Educação (TRAMSE), da UFRS, os *blogs* “são aplicativos fáceis de usar que promovem o exercício da expressão criadora, do diálogo entre textos, da colaboração”, explica. Os *blogs* possuem historicidade, preservam a construção e não apenas o produto (arquivos); são publicações dinâmicas que favorecem a formação de redes. A professora lembra que os *blogs* registram a concepção do projeto e os detalhes de todas as suas fases, o que incentiva e facilita os trabalhos interdisciplinares e transdisciplinares, possibilitando ao professor acompanhar a evolução do aprendizado dos alunos.

São muitas as possibilidades de utilização dos *blogs* na escola. Primeiro, pela facilidade de publicação, que não exige nenhum tipo de conhecimento tecnológico dos usuários, e segundo, pelo grande atrativo que estas páginas exercem sobre os jovens. Os *blogs* estão deixando de ser apenas “diário virtual adolescente” para virar palco de discussões e fontes de informações. Alguns professores já vêem nos *blogs* uma alternativa para comunicação na educação e um excelente meio para oferecer uma formação descentralizada.

O professor continuará a ser figura importante para o ensino e aquisição de conhecimento. Em nenhum momento tal profissional é descaracterizado do processo de ensino-aprendizagem. Ele realizará a apresentação do conteúdo a ser trabalhado em sala de aula e deve passar as orientações aos alunos como funcionará a atividade. Apresentará aos alunos o *blog* orientador (do professor), que os alunos utilizarão como suporte para o desenvolvimento da pesquisa. Neste ambiente de aprendizagem *on line* deverá constar os *links* para os *sites* onde os alunos realizarão as pesquisas referente aos temas propostos em sala de aula. Os assuntos propostos devem ser relevantes e estimular a produção de conhecimento.

O fluxo de postagens no *blog* deverá ser dinâmico, o professor deve propor debates simultâneos, exposição de idéias e divulgação de informações diversas, as postagens devem ser encerradas seguindo o cronograma das atividades.

Importando um texto da *web* o aluno realiza uma reflexão, estabelece relações com o conteúdo pesquisado, avalia e toma decisões. É preciso valorizar as diferenças, estimular idéias, opiniões e atitudes e estimular o aprendizado, levando o aluno a obter o controle consciente do aprendido, retê-lo e saber aplicá-lo noutra contexto, em seu próprio *blog*.

A apresentação em ambientes virtuais requer uma estrutura diferente daquele disponibilizados em meio impresso. O domínio de técnicas sofisticadas de redação o conhecimento de regras gramaticais, já não é suficiente. Quando se fala de internet é importante lembrar que o conteúdo assume um valor muito grande e ganha uma especificidade.

Segundo Jakob Nilsen quem escreve um texto para ser visualizado na internet deve ser sucinto, ou seja, não deve escrever mais que 50% de um texto que escreveria para um texto similar impresso. Ler na tela de um computador é mais cansativo para os olhos do ler em um papel. Os leitores de textos em ambientes virtuais sentem a necessidade de encontrar a informação desejada o mais rápido possível e não gostam de muito texto. O autor menciona que os usuários, em um primeiro momento, não costumam ler palavra por palavra do conteúdo da tela, eles passam os olhos rapidamente sobre o texto e tentam encontrar palavras, sentenças ou parágrafos que possam apresentar a informação que lhes interessa. Não querem ler textos longos. Parágrafos muito longos devem ser divididos em tópicos.

O título é algo muito importante em um conteúdo a ser disponibilizado em um *blog*. Muitas vezes é através dele que um conteúdo poderá ou não ser acessado por um usuário que quer encontrar algum material pelo assunto no *blog*. É o título que chama atenção do leitor. O título não deve procurar fugir do assunto em discussão. Cada sala de aula é um universo diferente e especial, por isso o uso de *blog* deve ser avaliado e acompanhado de acordo com as especificidades de cada turma.

O professor deve atentar-se a fuga do tema proposto, baixa interação e postagens fora do prazo. Deve realizar análise periódica das postagens, acompanhado a participação do aluno e progresso do aprendizado. Os alunos que optarem por elaborar um *blog* em grupo deverá assinar suas postagens, numa maneira do professor observar o progresso do aprendizado individualmente. Essa ferramenta pode ser utilizada e acompanhada com diferentes suportes.

Um exemplo de uso de *blogs* como ferramentas pedagógicas são de um grupo de estudantes do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹ que disponibilizaram fontes iconográficas para *download*, *links* para arquivos digitais com textos sobre a escravidão africana. Dentro desse *blog* os usuários tem acesso ao acervo iconográfico completo de artistas que retratam o cotidiano dos escravos no Brasil. Imagens produzidas por Jean Baptiste Debret (1768 – 1848), Johan Moritz Rugendas (1802 – 1858) e José Christiano de Freitas Henrique Junior (1832 - 1902) foram disponibilizadas no *blog* e constituem-se fontes para serem trabalhadas em sala de aula. Esse banco de imagens é constituído por dois tipos material iconográfico: telas pintadas pelos artistas Debret e Rugendas e fotografias de Christiano Júnior. O

¹ Sobre essa experiência, acessar o *blog*: <http://blogdiasporafricana.blogspot.com>

período em que tais imagens foram produzidas é do início e do fim do século XIX.

Vale salientar que os temas que nortearam a produção artística versa sobre escravidão, paisagens, cotidiano das cidades do Brasil, costumes e cultura. Além disso, são produções artísticas dentro de um contexto, cada um desses artistas teve suas intencionalidades e seus objetivos, pois foram contratados para realizar essas obras de arte.

As imagens são representações que se constituem um material de estudo e uma fonte importante na construção da História do Brasil. Uma possibilidade de trabalho que merece destaque é a da revisão historiográfica que o pode-se desenvolver em relação aos negros. Perceber como era o cotidiano dos escravos, suas atividades e refletir tendo como ponto de vista a atuação dos negros no momento em que contestavam a sua posição e reivindicavam melhorias, e não se constituíam apenas como uma massa passiva. A leitura e a interpretação sobre essas imagens podem gerar boas aulas se trabalhadas de uma maneira lúdica e crítica. Nada de ilustrar, colorir ou apenas preencher as lacunas. Tais imagens são documentos históricos, importantes para fazerem parte do ensino de História.

Muitas vezes a imagem do negro está associada à questão da escravidão e do preconceito. O objetivo não é tornar o negro herói, mas refletir com base no registro das fontes, as peculiaridades e características da presença negra no Brasil, de sua cultura

e da sua contribuição. As imagens, os artigos e os vídeos utilizá-los como fontes documentais são bons documentos de estudo e pesquisa disponíveis neste *blog*.

Os *blogs* são ferramentas para o novo educador, tornando-se muito popular por não exigir conhecimentos de especialista em informática para sua criação e utilização, também seu uso e hospedagem são oferecidos gratuitamente em alguns sites. Permite que se publique conteúdos, com funcionalidade de edição, atualização e manutenção dos textos disponibilizados na rede, recursos que para muitos são responsáveis pelo seu sucesso e popularidade desta ferramenta.

REFERÊNCIAS

ARANTES FILHA, Elizete Vasconcelos. **Material do Curso de Especialização em Educação Ambiental e Geografia do Semi-Árido numa Perspectiva Interdisciplinar**. As Novas Tecnologias da Comunicação e da Educação a Distância. Unidade I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte: IFRN, Natal, 2009.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. Disponível em: <http://www.nethistory.info/Resources/Internet-BR-Dissertacao-Mestrado-MSavio-v1.2.pdf>. Acesso em 05 nov. 2009.

FIORENTINI, Leda (Coord.). **Introdução à educação digital: caderno d educação e pratica**. Brasília: Ministério da Educação; 2008. 268 p.

FRANÇA. Cyntia. **Como conciliar ensino de história e novas tecnologias?** Disponível em <http://www2.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/resumos-anais/CyntiaSFranca.pdf>. Acesso em 5 no. 2009.

HENRIQUE, Luciano. **Blog como ferramenta pedagógica**. Disponível em <http://lucianohenrique.com/?p=61>. Acesso em 7 out. 2009.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (Org.). **Novas Tecnologias na educação: reflexões sobre a prática.** Maceió: EDUFAL, 2002.

MORAN, José Manuel. **Como utilizar as tecnologias na escola.** Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/utilizar.htm>. Acesso em 2 nov. 2009.

SALGADO, Maria Umbelina Caiafa; AMARAL, Ana Lúcia. **Tecnologias na educação: ensinando e aprendendo nov. 2009. com as TIC.** Brasília: MEC, 2008.

SANTANA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como Avaliar? Critérios e instrumentos.** Petrópolis: Ed. Vozes. 2002.

SCHOLZE, Lia. MORAES, Salete Campos de (Org.). **Multimeios e informática educativa.** Porto Alegre: SME. 2002.